

L. barreira

A' Redacção da Gazeta de Capivary.

Capivary.

S. Paulo



# A PENNA

PERIODICO QUINZENAL

## ORGAM LITTERARIO E NOTICIOSO

Redactores : Furtado de Mendonça, Rodolpho de Faria e Pereira das Neves

Lectorem delectando pariterque monendo.— Hor.

Res et non verba.

ANNO I

S. PAULO, 15 de Maio de 1887 N. 2

### SUMMARIO

Expediente.....	
«A Penna».....	Rod. de Faria.
Dante Alighieri.....	
O ninho.....	Ed. Chaves.
Politica mineira.....	Dr. L. Godofredo.
Serenade.....	François Coppée.
Reverberos.....	F. de Mendonça.
A' une dame.....	Vigée.
Molestia imperial...	A. e Souza.
Othello.....	D. L. de Bragança.
Nacionalisação.....	F. P. Teixeira.
Cadencias intimas..	A. Peres Junior.
Flor e seio.....	H. de Carvalho.
Meu padrinho Cra-	
knel.....	P. N.
Vida de Agricola....	C. Tacito.

### CARTÃO DE INGRESSO

Semestre.....	4\$000
Trimestre.....	2\$000
Numero avulso..	100
Atrazado.....	200

**A Redacção não publica trabalhos assignados por pseudonymos ou enviados anonymamente. exclusão feita da secção "CACETAS".**

**O artigo não assignado pertence á Redacção.**

**As columnas d'A PENNA, são francas aos que quizerem se utilisar dellas; sendo preferidos os trabalhos dos assignantes aos dos colaboradores e os destes aos da Redacção.**

**Serão considerados assignantes todos aquelles dos nossos amigos que não devolverem o primeiro numero.**

**Recebem-se annuncios e**

**fazem-se réclames por preços convencionados.**

**Toda a correspondencia deve ser dirigida para o Largo do Paço, n. 2.**

### A PENNA

15 de Maio de 1887.

Depois de muitos annos, declarou-se, na mór-parte dos estados da Europa, entre as grandes e pequenas nações, um movimento legislativo consideravel, que formou um dos traços caracteristicos de nossa epocha.

Cada estado encarregou aos jurisconsultos de maior nomeada a formação de seu codigo civil; donde nasceu a proclamação do casamento civil e bem assim a do divorcio.

As leis dos povos antigos tinham ao mesmo tempo seu caracter religioso e civil, caracter que tomou o casamento, e aquelle procurou em vão vencer este.

Era tal a influencia religiosa sobre os problemas sociaes que os jurisconsultos definiam a jurisprudencia: «divinarum atque humanarum rerum notitia».

Hoje, porém, já não se pensa deste modo, mudam-se os tempos, transformam-se os costumes, é a lei do mundo e da evolução.

Ha, na verdade, certas cousas de muita graça. Neste numero acha-se a «celebre fala do throno», que acaba de abrir solememente as portas do nosso parlamento, trazendo para ordem do dia problemas sociaes para que sejam «in primo loco» resolvidos brevemente. Entre elles vem o da immigração, da colonisação

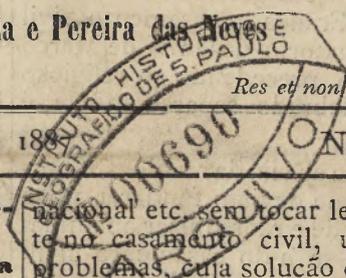
nacional etc. sem tocar levemente no casamento civil, um dos problemas, cuja solução deve ser o mais breve quanto possivel operada, para maior desenvolvimento da nação e felicidade do povo, é interessante tal omissão e algum tanto chistosa, intoleravel e dura! E' o caso em que se póde exclamar: «le monde marche...» et le Brésil retourne...

..... Terminadas as pequenas considerações que perfunctoriamente acabo de fazer, vou desenvolver a these acima, aliás bem conhecida, desenvolvida e debatida por pennas habeis como a do illustre evolucionista Taunay, que procura resolver e resolve os dois problemas: immigração e casamento civil.

O casamento civil é um grande beneficio prestado á humanidade, ao bem, á justiça e á moral publicas. Delle depende a boa organização da sociedade, a ordem, respeito e consideração da familia, base fundamental de tudo quanto é nobre e grande, pedra angular donde se origina o que ha de bello e sublime na sociedade.

Por consequencia os brasileiros devem almejar, o mais breve possivel, tal melhoramento e procurar realisar e admittir tão grande idéia no nosso centro' social, ainda embryonario nas leis do progresso.

O futuro auspicioso do Brazil depende sómente da realisação das duas grandiosas idéias: a abolição completa e a introdução do casamento civil, sem que, elle não poderá pertencer ao quadro das nações cultas e compartilhar das grandezas e supremacias da cultura europea.



Olhemos para o alto.

Imitemos a culla e velha Europa, berço do progresso, da civilização, dos genios e idéias grandiosas.

Os paizes mais adiantados admittem o casamento civil e em alguns é obrigatorio.

Em França, o casamento civil é obrigatorio desde 21 de Março de 1803, precedendo ao religioso que celebrado separadamente, é illegal.

Entre as leis da revolução franceza que deviam fundar a nova sociedade e reorganisar a familia, achava-se a do casamento civil.

O casamento religioso, em França, não tendo existencia legal, não dava a qualidade de esposo e os filhos eram considerados naturaes.

Na Italia, o casamento civil é tambem obrigatorio, podendo, porém, preceder ou seguir o acto religioso.

Como era de esperar a introdução do casamento civil na Italia operou uma grande revolução. Na mór-parte dos antigos estados da Italia o casamento era considerado um acto meramente religioso e por consequencia não podia ser bem recebido ali o casamento civil, que finalmente triumphou, como triumpharão as idéias grandiosas.

Na Hespanha, a lei de 18 de Junho de 1870 estabeleceu o casamento civil.

Portugal, não ficou atraz dos outros paizes da Europa nas reformas legislativas.

Em 1877, 17 de Maio, foi adoptado o casamento civil, tão applaudido pelo grande escriptor Alexandre Herculano.

Reconhece em seu codigo civil duas especies de casamentos, as quaes não posso declarar por escassez de espaço.

Na Roumania, tambem é obrigatorio.

Na Inglaterra e nos Estados-Unidos ha a liberdade ou escolha de casamentos.

Na Allemanha, Hollanda e Belgica, Austria, Russia, Dinamarca, Suecia e Noruega, nos Estados Americanos, menos na Republica Argentina, onde não tardará, e no Brazil, onde felizmente começa a ser discutido, o casamento civil é obrigatorio.

O espaço não me permite ex-

pôr os artigos em que se basêa o casamento civil.

Annunciou, ha dias, o telegrapho que brevemente seria apresentado ás camaras da Republica Argentina um projecto sobre o «casamento civil obrigatorio».

De fórma que o Brazil perde o unico companheiro que tem sem tal melhoramento, e ficará só!

O unico embaraço para a promulgação do casamento civil no Brazil, é incontestavelmente a religião, o que não tem rasão de ser, pois, havendo no Brazil a liberdade de religião e indifferentismo para com a mesma, era natural que fosse bem recebida tal idéia, porém, assim não acontece e bem se nota quanto a opinião publica é inerte.

Na Republica do Chile, onde o clero tem muita força, é adoptado o casamento civil obrigatorio sem a menor difficuldade. A principio o clero quiz revoltar-se mas foi immediatamente vencido e «nem tugiunem mugiu mais».

A Republica Argentina vai dar uma lição de mestre ao Brazil, que conserva-se indifferente ao movimento social e civilizador.

Não queremos restringir o direito religioso, mas sim ampliar o civil.

O casamento civil é não só, hoje, uma aspiração nobre como tambem a satisfação de uma immensa necessidade publica e uma lapidação na corrupção social que abusa do sanctuario familiar e não o respeita como deve.

O bom pai deve desejar ardentemente a proclamação do casamento civil obrigatorio no Brazil e por consequente, elle sendo a cabeça da familia, ninguem póde privar-o de tal beneficio e ninguem mais competente em tal aspiração.

O casamento civil obrigatorio é a moral.

ROD. DE FARIA.

Ao nosso amigo Aristides Caldeira apresentamos as nossas condolencias pelo golpe que acada de ferir-o: o fallecimento de seu estremecido pae o sr. Modesto Caldeira.

## Dante Alighieri

1265—1887

Hoje, ha 622 annos, nascia em Florença o homem que estava destinado a ser o maior poeta da Italia, tocado pelas desgraças da patria, que debatia-se sob a pressão do despotismo, o epico italiano compoz esse poema tão justamente denominado divino, e que synthetisa todas as dores, todos os soffrimentos, todas as esperanças da humanidade. Commentada, traduzida e admirada, a Divina Comedia, apoz um percurso de seis seculos, ainda é hoje reputada a mais brilhante concepção de que é capaz o espirito humano. Como epopéa dos povos christãos, o poema do vate florentino ha de subsistir enquanto houver corações em que encontrem echo as sublimidades do christianismo. «A Divina Comedia, diz o autor da Sciencia Nova, merece ser lida por tres razões principaes: ella é a historia dos tempos barbaros, a fonte das mais bellas expressões do dialecto toscano e o modelo sublime da mais perfeita poesia. Nosso Dante é o primeiro ou um dos primeiros historiadores italianos. Dante é o Homero, ou melhor, o Ennius do christianismo.»

Eis o que foi o mavioso cantor de Beatriz.

8 de Maio de 1887.

## O NINHO

A procella, raivosa inda que brama  
E o raio doudejante torvelinho  
Não perturbam a paz d'aquelle ninho,  
Que preso véo do jasmineiro á rama.

Desvairado de amor o passarinho  
Não presente siquer do raio a chamma,  
Que põe o bosque todo em desalinho  
E retumbando pelos antros clama.

Imitemos o passaro... qu'importa  
Que o mundo fale e que nos ruja á porta  
O raio da procella popular?

Nos mysterios do amor embevecidos  
Não lhe daremos, meu amor, ouvidos  
Que o tempo todo é pouco para amar.

(Das *Fagulhas*.)

ED. CHAVES.

A 9 deste mez completou mais uma primavera o talentoso e conhecido advogado desta capital — dr. Lamounier Godofredo.

Ao nosso amigo e collaborador e futuro deputado por... — se nos permite levantar uma ponta do véo — as nossas saudações.

casado e de carro pedir á senhora Martello, ou antes transmittir o pedido de sua cara metade que muito deseja estreitar as relações entre as duas familias empurrando ao casal anachoreta mais um afilhado.

—Se isso dependesse só de mim, eu me opporia ao desejo de minha mulher, insinua o pretendente, porque estou certo que nenhum titulo tenho para aspirar a tão subida honra.

—Oh! pelo contrario, interrompe a mulher do Braz, o senhor é que nos honra demasiado...

—Ella, coitadinha, continúa o outro, está bem abatidinha e por isso não quero contrariar-a. Aqui estou meu charo senhor Braz, prompto a ouvir a sua resposta.

—Minha resposta não pôde ser outra senão aquella que traduz o immenso desejo que tenho de relacionar-me mais de perto, com tão illustre familia, responde o Braz, de um só folego.

Amanhã será a moça do vendeiro que toda choramingas vem pedir á senhora que se digne proteger o filhinho, levando-o á pia.

E tanto á esta como áquelle o bom casal responde affirmativamente promettendo, tacitamente ao desembargador o enxoval do menino e á moça, abertamente, uns patacos para as fraldas e coeiros.

\* \*

O dr. X, muito quisto no bairro, tinha ido uma occasião tratar o Braz de um abcesso no dedo que o trazia—ao Braz—tresnoitado, muito apezar dos carinhos e emplastos de d. Chiquinha.

Symphathisaram-se os dois com o medico, que era casado e em vesperas de ser pae.

O doente, entregou-se affoutamente á lanceta do Esculapio que pol-o bom, enviando-lhe dias depois uma continha, bem puchada á sustancia.

Deu-se, porém, o nascimento da filha do doutor—era uma filha o filho do doutor—e o Braz logo que soube disto envergonhou o sobre e botou-se para lá de braço dado com a mulher.

—Venho dar-lhe os parabens, doutor, comprimentou d. Chiquinha, que era sempre a primeira a falar, pelo nascimento de seu filhinho...

—Filhinha... emendou o outro.

—Filhinha..... ahn! tanto melhor, continuou ella, e eu venho offerecer-me para madrinha e aqui o Braz para padrinho.

O doutor X deante de tão gracioso offerecimento e requintada amabilidade titubeou, e não quiz resolver de prompto.

Pediu licença e enveredou para dentro, a consultar a esposa.

—A Candinha me disse, declarou elle ao voltar, que agradecesse a sua delicada offerta, mas creia que é com muito pesar que ella deixa de aceitar V. Ex. para madrinha visto estar comprometida, entretanto pede que aqui o sr. Braz, seja nosso compadre.

Em fim, para encurtar razões, eu declaro que o Braz desta vez levava mais um afilhado e a conta do medico, que ainda a trazia no bolso.

O dr. X mal os vio fóra, correu ao quarto da esposa e suavemente increpou-lhe a recusa.

—E'rica, filha, e já que ella offereceu-se...

—Eu podia adivinhar que a mulher do Braz sahir-se-ia com esta? perguntou ella, e a Maricotado Caetano, hein... seria muito bonito esquecer uma parenta, por uma senhora que nem mesmo tu conheces... Que diria a Maricotada, heim?...

\* \*

Passara-se boa messe de annos.

Lili se desenvolvera, sendo o laço de união, então estreitamente apertado, entre as duas respeitaveis familias.

Visitavam-se a miudo, embasbacando-se sempre, D. Chiquinha deante da mocinha, olhando-a com os pequeninos olhos azues afundados nas maçãs do rosto carnudas e vermelhas.

Todas as vezes que por lá appareciam, um todo embrulhado no *croisé*, a outra arrastando barulhento vestido de seda, repetião os mesmos ditinhos da ultima visita, com uma impertinencia de aborrecer.

—Lembras-te, Braz, do dia em que viemos agradecer ao compadre, o teu restabelecimento e tambem offerecer-nos para padrinhos desta mocetona?... Hein, Lili, quantos namorados já tens?

Os compadres ficavam entre serios e risonhos, e ella, a pobresinha, abaixava a cabeça, rubra de pejo, fugindo de repente para dentro.

Só o Braz ficava impassivel e affirmava com sua voz convicta:

—Ella ainda não sabe namorar.

\* \*

A desillusão do Dr. X sobre a liberdade do compadre, deu origem a pequenas zangas com a esposa, quando esta commentava os presentes que o rico trazia á afilhada.

Eram tão insignificantes e ás vezes tão ordinarios que D. Candinha tinha impetos de recusar-os.

Imaginem que o bom do homem uma occasião presenteara á afilhada, com um lenço, destes communs, brancos, embainhado pela mulher do Braz, tendo a inicial da moça a crivo.

—Olhe o que você dizia, considerava a mãe de Lili, havia de dar muitos presentes, muitas joias... zangou-se comigo por causa delle... Eu não te digo... essa gente quanto mais rica, mais miseravel.

—Ora, deixe-o lá, resignava-se o Dr., ella não vae viver dos presentes dos padrinhos.

\* \*

Lili fazia annos em Abril e os paes festejavam o faustoso dia com uma pequena reunião intima.

O Braz e a senhora appareceram durante o dia, quando menos os esperavam. Que não podiam vir de noite por motivos imperiosos.

Queriam ser os primeiros...

Pede-nos a historia que se diga que desde que se conheciam era sempre a mesma desculpa—«motivos imperiosos»—para fugirem a convites que os tirassem dos seus habitos.

Não havia pedido, um acontecimento espantoso que os encontrasse fóra de casa, á noute, até tarde...

O Braz ao entrar, com toda a gravidade, trazia um pequeno embrulho que depoz em uma cadeira collocando-lhe por cima o chapéu.

A afilhada emquanto conversavam, atirava umas olhadellas avidas para o *cadeau* que lhe era destinado, tentando descobrir o que estava tão mysteriosamente amarrado pela celebre vitinha verde, a unica côr que o nervo optico de D. Chiquinha podia supportar.

Conversaram muito, fallarão de tudo, a politica mesmo, veio a campo, dissertando a mulher do Braz, sobre a situação.

A' sahida, o Braz n'um amplo movimento, com uma das mãos pegou do chapéu e com a outra offereceu á bonita mocinha o presente que lhe reservava, fugindo apressado ás caricias da afilhada.

Esta acompanhou-os ao bond e ao se despedirem, D. Chiquinha, rapidamente mergulhou a mão no bolso de seu vestido de seda e ainda mais rapidamente, sorrindo-se, escondeu um objecto quadrado, n'um dos bolsinhos do paletot de fustão da moça, segredando-lhe:

—Escreva hoje mesmo ao seu namorado. A moça, immobilisou-se confusa e depois correndo para a casa, chamou pela mamã.

Oh! ceus. O Braz dera á afilhada em dia de seus annos, uma caixinha com dous sabonetes de cravo, amarrados, em quatro porfitinhas de côr.

D. Chiquinha entregara a Lili dous envelopes de *Papel Nhônhô*!!

A Candinha mandou a todos os diabos a usura dos compadres.

\* \*

Casava-se a filha do Dr. X.

Pelas puatro horas da tarde, appareciam os padrinhos da noiva: os dous Martellos.

O Braz encasacado, com o habito da Rosa scitillando na lapella, enlulado, tezo e engraçado no seu vestuario desageitado; D. Chiquinha arrastando uma vistosa *toilette* de gorgorão preto, com enorme cauda e fincado no cabelo, atravessando-o, um pantogruelico trepa-moleque com filamentos de ouro—fizeram entrada solemne, de braço dado, na sala ja adornada para a solemnidade.

O Braz curva-se, a custo, depõe na cadeira ao lado um volume quadrilongo envolvido em papel de seda e amarrado com a vitinha verde, occultando-o com o *claque*.

—Que maravilhoso escritorio, conjectura D. Candinha.

—Que presente de nupcias, pensa o Dr. X.

—O que será? indaga a moça.

Tinham vindo mais cedo para supprir qualquer falta.

Ja haviam passado por aquillo e sabiam perfeitamente em que azafama andam os paes, nesta occasião.

Estavam ali para ajudal-os, que dispuzessem delles, sem cerimonia.

\* \*

A's oito horas retiraram-se os padrinhos, abraçando muito a pobresinha que chorava, acalentando-a D. Chiquinha como boa senhora que era.

O Braz, ao sahir, dera ao Dr. X o embrulho que havia trazido, recomendoando-lhe muito entregasse á filha.

\* \*

Febris-os paes e os noivos —dilace-

ARQUIVO

raram as tantas folhas do papel de seda que envolviam o maravilhoso presente de nupcias.

O Dr. X, palido de colera, apostrophando o compadre, esborrachou no chão o suspirado *cadeau*.

E pela brecha feita, saltaram, correndo pelo chão, os biscoitos de uma lata de *Craknel*.

Um bilhetinho mettido entre elles, indicava assim:

« Para o chocolate da manhã das nupcias ».

S. Paulo—1887—Maio.

P. N.

A passeio e a serviço d'A Penna, segue amanhã. 16, para a Côte o nosso estimado companheiro de redacção — Rodolpho de Faria.

Aos nossos bons collega da Côte apresentamol-o.

O nosso 3º numero trará uma surpresa: uma pagina primorosa do mais habil artista do nosso imperio.

Agucem a curiosidade.

## Cornelio Tacito

VIDA DE AGRICOLA  
(TRADUÇÃO PARA A « PENNA »)

### PREFACIO

I

E' uso antigo transmittir á propriedade as acções e o character dos homens celebres. Mesmo o nosso seculo. apesar da sua indifferença para o que produz, rende esta hommenagem a virtude, quando um brilho superior o faz triumphar da inveja e da ignorancia, vicios dos grandes imperios e dos pequenos estados. Naquelles tempos felizes em que a virtude achava mais occasiões para manifestar-se francamente, não era nem lisonja, nem vaidade, mas o prazer immortalisar o merito que conduzia a penna dos nossos melhores escriptores. Até muitas vezes, pela confiança que inspirou probidade reconhecida, os grandes homens escreveram a sua propria biographia sem receio de serem accusados de presumpção. Tambem Rutilio e Scauro não foram nem contrariados, nem censurados. Tanto é verdade que os seculos em que as virtudes são mais communs são tambem melhores juizes.

(Continua).

Estamos contentes!

A enorme affluencia de originaes levou-nos a guardar para o proximo numero trabalhos que julgavamos poder sahira agora.

Infelizmente para nós não podemos contentar a todos.

E por uma falta grave de preferencia sahem trabalhos nossos, mentindo assim ao nosso programma.

Entretanto perdoar-nos-ão quando souberem que tudo foi devido a terrivel engano de typographia.

Oh! se soubessem o que é uma typographia.

## CADENCIAS INTIMAS

Quando um sorriso a concha carminada  
De tua bocca, entr'abre docemente  
Por sobre mim a abobada estrellada  
Mais se me azula e brilha-me ridente.

E cuído ouvir distante uma ballada,  
Uns longes de ternura, o som dolente,  
D'uma doce harmonia, compassada  
Cheia de eucanto e paz, serenamente.

E beijo-te as mãos leves e pequenas.  
Mais leves do que as azas das phalenas,  
Mais frageis do que os lyrios da campina

Bello ideal d'est'alma delirante,  
Sorri, sorri, que eu vejo irradiante  
A aurora em tua bocca pequenina.

Côte.

A. PERES JUNIOR.

## FLOR E SEIO

I

A' flôr disseram:

—« Que sorte,

louca! onde foste poisar!  
Ahi o virus da morte  
vai-te a existencia minar!

Foge desse precipicio  
como sonho ameno;  
— tem elle a attracção do vicio  
e mata como um veneno!

Murchas?—lançam-te fóra  
sem siquer uma lembrança ...  
Ai! pobre filha da aurora,  
em que puzeste a esperança!»

II

Disse a flôr:

—« E'-me agradavel

morrer na curva de um seio,  
—cá onde amor indomavel  
fez seu ninho de permeio.

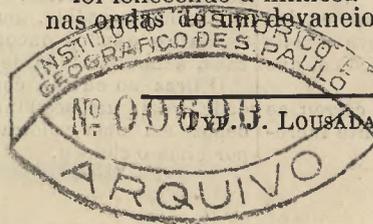
Um para o outro nascemos;  
dou-lhe meus leves perfumes ...  
Juntos, que vida vivemos!  
separados,—que negrumes!

Juntos, que amor, que segredo!  
quanta volupia!... E' vaidade?  
peccado?—falta-me o medo;  
não tenho a *immortalidade!*»

III

E, poisando a pet'la airosa  
na jambea curva do seio  
—foi fenecendo a mimosa  
nas ondas de um devaneio!

HORACIO DE CARVALHO.



LOUSADA & COMP. — S. PAULO.